



A CONFIGURAÇÃO FICCIONAL DE MALINCHE EM OBRAS DE 1826, 1954 E 2005¹

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí²
FLECK, Gilmei Francisco³

RESUMO: Em 1826, na Filadélfia, Estados Unidos, publica-se o romance em espanhol, de autor anônimo: *Xicoténcatl*. Esta obra é de especial importância porque apresenta várias rupturas com respeito ao modelo clássico do romance histórico, instituído por Sir Walter Scott, que a tornam a obra inaugural do gênero híbrido de literatura e história em nosso contexto (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, 2006; UREÑA, 1994). A configuração da personagem histórica autóctone La Malinche sofreu transformações ao longo da história. A sua representação inicial na literatura deu-se – como personagem secundária – no primeiro romance histórico latino-americano: *Xicoténcatl* (1826). La Malinche, neste romance, é configurada como a representação da corrupção nativa durante o processo de conquista do Império Asteca, em oposição à configuração dos heróis nativos *Xicoténcatl* e Teutila. Porém, no documento oficial, as *Cartas de relación*, de Hernán Cortés (1519-1526), o herói da contrarreforma (FORERO QUINTERO, 2012), Malinche é apenas mencionada. O presente texto visa a fazer um percurso pelas obras *The Golden Princess* (1954), de Alexander Baron e *Malinche* (2005), de Laura Esquivel, para verificar como a representação inicial da intérprete de Hernán Cortés, configurada em *Xicoténcatl* (1826) e nos documentos históricos das *Cartas de relación* (1519-1526), apresenta diferenças marcantes nas diferentes projeções das imagens dessa nativa americana.

PALAVRAS-CHAVE: *Xicoténcatl* (1826); Malinche; romance histórico.

ABSTRACT: The Spanish-language anonymous novel *Xicoténcatl* was first published in 1826, in Philadelphia - USA. This work is a key text because it presents several ruptures if compared with the standard of the classical historical romances in the tradition of Sir Walter Scott. These ruptures transform *Xicoténcatl* in the inaugural literary hybrid genre work of literature and history in the Latin-American context (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, 2006; UREÑA, 1994). The configuration of the historical native figure La Malinche suffered changes throughout History. Her first fictional configuration appears – as a secondary character – in the first Historical Latin American novel: *Xicoténcatl* (1826). She is only referred to in *Cartas de relación* (1519-1526).

by Hernán Cortés, the hero of the Counter-Reformation (FORERO QUINTERO, 2012). But, in *Xicoténcatl*, La Malinche is portrayed as the embodiment of native corruption during the process of the Spanish conquest of the Aztec Empire, as a figure opposed to the configuration given to the native figures Xicoténcatl and Teutila. This text aims to make a journey through the literary works *The Golden Princess* (1954), by Alexander Baron and *Malinche* (2005), by Laura Esquivel, in order to verify the initial portrayal of Hernán Cortés's translator, in *Xicoténcatl* (1826) and in historical documents of *Cartas de relación* (1519-1526), if there are prominent differences in the various projections of Malinche's images.

KEYWORDS: *Xicoténcatl* (1826); Malinche; Historical novel.

INTRODUÇÃO

La Malinche foi uma indígena não asteca, da etnia náuatle, que ocupou um lugar de destaque na história da conquista da América pelos espanhóis, mesmo que sua atuação tenha gerado muita controvérsia. Em torno a sua vida se teceram muitas histórias. A partir do nacionalismo mexicano, inclusive, ela foi considerada culpada por grande parte da população mexicana pela queda de todo um império. Nesse texto, pretendemos comparar as primeiras imagens romanescas de Malinche nas obras elencadas.

Contudo, nosso intuito não é o de aprofundar-nos na polêmica em torno à personagem histórica, mas, sim, evidenciar as muitas transformações que a configuração ficcional da nativa tem passado ao longo do tempo. Esse objetivo será realizado pela análise do recorte que os textos⁴ *Xicoténcatl* (1826), anônimo, *The Golden Princess* (1954), de Alexander Baron e *Malinche* (2005), de Laura Esquivel trazem da configuração literária da nativa Malinche.

AS CONFIGURAÇÕES DE MALINCHE AO LONGO DA HISTÓRIA

Malinche foi uma das vinte escravas com que o povo Totonaca presenteou o grupo de conquistadores liderado por Cortés (LÓPEZ DE GÓMARA, F. apud HERREN, 1993, p. 25). Esta mulher, ainda no grupo das vinte escravas, rapidamente, destacou-se entre as jovens pelo seu conhecimento de línguas nativas, pela sua inteligência e facilidade em apreender o castelhano. Bastin (2003) menciona a figura de Malinche como símbolo da simbiose hispano-americana de mestiçagem entre as duas culturas: “*es la primera intérprete americana en marcar con sello polémico el controversial paso hacia adelante de la historia universal, mediante el cual se enriquece el planeta.*” (BASTIN, 2003, p. 195).

Ao ser batizada pelos espanhóis, recebeu o nome cristão de Marina Ténepal. Os indígenas, no entanto, chamaram-na de Malinalli e Malintzin. Segundo Herren (1993), Hernán Cortés foi conhecido pelo apelativo de “Malinche”, que significava “o amo de Marina”, caso atípico, pois, geralmente, são as mulheres as que recebem o nome que as referencia frente aos seus homens. Tal fato “*da una idea de la importancia que asignaban los jefes indios a la jovencita que no se despegaba de su lado y por cuya boca escuchaban lo que decía el jefe español.*” (HERREN, 1993, p. 85).

Só mais tarde, segundo Martín (2007), o ideário indigenista da Revolução Mexicana criaria e institucionalizaria, com Manuel Gamio, o mito de Malinche, convertendo a personagem histórica na responsável pela queda do Império Asteca. Segundo Martín, Marina Ténepal, aquela que agora era, definitivamente, referenciada como Malinche, seria considerada como o: “*símbolo materno de la realidad interétnica de la nación y puente entre culturas, o alegoría de la claudicación ante el conquistador: la Malinche traidora a su pueblo.*” (MARTÍN, 2007, p. 5).

MALINCHE, SEGUNDO HERNÁN CORTÉS, NAS *CARTAS DE RELACIÓN* (1519-1526)

Os documentos oficiais além de trazerem as marcas de um narrador sobre o influxo do êxtase do sujeito passivo incapaz de assimilação (LEZAMA apud PÉREZ FIRMAT, 1990) – como se pode observar nos registros de Colombo quando descrevia as paisagens americanas para os europeus (UREÑA, 1994) – apresentam, também, como sabemos, as intencionalidades dos seus autores. Ao analisarmos as *Cartas de relación*, de Hernán Cortés, poderemos observar a clara exposição dos fatos em favor do espanhol. Observemos o seguinte recorte:

Y estando algo perplejo en esto, á la lengua que yo tengo, que es una india desta tierra, que hobe en Putunchan, [...] le dijo otra, natural [...] como muy cerquita de allí estaba mucha gente de Mutezuma junta, y [...] que hablan de dar sobre nosotros para nos matar á todos; é si ella se queria salvar, que se fuese con ella, que ella la guareceria; [...] é yo tuve uno de los naturales de la dicha ciudad, que por allí andaba, y le aparté secretamente, que nadie lo vio, y le interrogué, y confirmo con lo que la india y los naturales de Tascaltecal me habían dicho; é así por esto como por las señales que para ello había, acordé de prevenir antes de ser prevenido, [...] (CORTÉS, 1866, p. 73- grifos nossos).

O trecho acima descreve o momento em que Cortés relata ao relata ao Imperador espanhol Carlos V que Malinche havia-lhe alertado sobre uma suposta cilada contra seus homens. A este acontecimento se segue a matança de Cholula. Por

outro lado, chama-nos a atenção que, sendo Malinche uma peça chave dessa história, ela não tenha sido mencionada pelo seu nome nos documentos produzidos pelo conquistador. Sua presença e importância é diminuída nas cartas, junto com a real necessidade dos espanhóis de tê-la como a intérprete indígena que possibilitou arquitetar a conquista do Império Asteca.

No contexto histórico, muitas vezes uma mulher europeia era desconsiderada nos aspectos políticos, uma nativa escrava tinha ainda menos importância e valor, mesmo tendo servido como peça chave para a conquista de um império. Apontamos, no recorte, os substantivos em espanhol utilizados por Cortés para fazer referência à Malinche: *lengua*, *india* e o pronome *ella*. Essa ocorrência lembra-nos de que o silenciamento (BURKE, 1992) foi frequentemente utilizado como ferramenta corriqueira nos escritos oficiais. Nesse espaço de representação não se levava em conta muitos fatos e personagens de maneira proposital, para desconsiderá-los ou para desacreditá-los, segundo a intenção de quem escrevia o documento (PASTOR, 1983). Vemos que, só mais tarde, aparece evidenciada a presença de Malinche, no mesmo documento, por meio do seu nome cristão nos anais da história:

Y estando algo perplejo en esto, á la lengua que yo tengo, que es una india desta tierra, que hobe en Putunchan, [...] le dijo otra, natural[...] como muy cerquita de allí estaba mucha gente de Muteczuma junta, y[...] que hablan de dar sobre nosotros para nos matar á todos; é si ella se queria salvar, que se fuese con ella, que ella la guareceria; [...] é yo tuve uno de los naturales de la dicha ciudad, que por allí andaba, y le aparté secretamente, que nadie lo vio, y le interrogué, y confirmo con lo que la india y los naturales de Tascaltecal me habían dicho; é así por esto como por las señales que para ello había, acordé de prevenir antes de ser prevenido, [...] (CORTÉS, 1866, p. 73- grifos nossos).

A menção do seu nome, "*Doña Marina*", acontece somente quando ela já não é mais de suma importância para os planos pessoais de Cortés (HERREN, 1993). Nesse contexto, ele planeja casar-se com uma nobre espanhola para continuar a sua escalada nas posições sociais; assim, Malinche, mãe do seu filho, torna-se um impedimento para seus projetos e, desse modo, ele a obriga a se desposar com um espanhol qualquer (Rodrigo de Paz), e retira dela, inclusive, toda possibilidade de rever seu próprio filho. (HERREN, 1993).

Depois dessa breve análise de trechos das *Cartas de relación*, podemos depreender que, aparentemente, *doña Marina* não passou de uma simples peça de xadrez no jogo de Cortés, pois, ao longo de sua vida com o chefe espanhol, continuou

sendo uma simples escrava. Isto passaria a ser o usual se observarmos fatos semelhantes que aconteceram, após 1492, com as mulheres indígenas que se relacionaram com chefes europeus: sua existência seria sempre anulada nos registros oficiais.

PRIMEIRA APARIÇÃO DE MALINCHE NA LITERATURA

Em 1826, é publicado, na Filadélfia, Estados Unidos, o primeiro romance histórico latino-americano, em língua espanhola: *Xicoténcatl* (1826), de autor desconhecido. Essa publicação ocorre no contexto do período de lutas pela independência do território hoje conhecido como México (1810-1836). Numa primeira impressão poderíamos afirmar que se trata de um romance histórico clássico, porém, devido ao fato de que o conteúdo histórico exposto no romance aparece em primeiro plano na narrativa e, além do mais, contesta a história oficial dos acontecimentos da queda do Império Asteca, avistamos, nesse primeiro romance histórico latino-americano, a presença de uma visão oposta daquela consagrada pela historiografia, que louva a ação conquistadora dos espanhóis, opondo-se, pois, ao cânone europeu estabelecido nas produções clássicas de Walter Scott.

Assim, diferentemente do romance histórico clássico de Sir Walter Scott – em que as personagens principais são ficcionais e a trama transcorre num pano de fundo histórico oficial e cujas personagens continuam sendo elevadas, tal qual na historiografia – em *Xicoténcatl*, as personagens indígenas são enaltecidas e elevadas a heróis, enquanto que os heróis da história oficial, os conquistadores espanhóis, são degradados a vilões. Tudo isto se dá na narrativa romanesca seguindo-se a sequência lógica dos fatos históricos. Este romance é considerado como a obra inaugural do gênero híbrido de literatura e história em nosso contexto por apresentar a primeira ficcionalização de personagens de extração histórica (TROUCHÉ, 2006) em nossas escritas romanescas. Entre eles estão Hernán Cortés, Marina Ténepal (a Malinche); Xicoténcatl, o jovem, e vários outros astecas e espanhóis envolvidos na conquista do México, cujas existências reais podem ser comprovadas.

Além do mais, *Xicoténcatl* é considerado por estudiosos como uma produção latino-americana que se adianta, em termos da produção estética do tipo “scottiana”, às produções de romance histórico na Espanha, segundo Ureña (1994). Ele afirma que “*su aparición marcaría los comienzos del romanticismo en la América española si no fuera porque se trató de una obra aislada en la que casi nadie paró mientes y que no tuvo continuadores ni influencia. Solo a partir de 1845 empiezan a multiplicarse las novelas [...] en el estilo de Walter Scott [...].*” (UREÑA, 1994,

p. 128).

A primeira tradução do romance deu-se para a língua inglesa, mas somente no ano de 1999, realizado por Guillermo Castillo-Feliú. Em 2013, com Anthoni Cley Sobierai e Gilmei Francisco Fleck, empreendeu-se a primeira tradução desse romance ao português, já que conhecer esta obra é importante para os estudos da história da literatura hispano-latino-americana e como modelo fundador do enfrentamento da literatura latino-americana com o cânone europeu. Essa tradução é inédita e ainda pouco conhecida no Brasil. Foi intitulada “Uma tradução experimental de *Xicoténcatl* (1826) ao português: o primeiro romance histórico latino-americano”.

A norma de produção romanesca do século XIX teria sido tomar o modelo europeu como cânone para escrever nas nossas literaturas, como aconteceu em casos como *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Porém, *Xicoténcatl* rompe com os padrões, questão importante para ser observada já que a crítica, nesse sentido, não considera, ainda, por falta de estudo e divulgação do romance no Brasil, a poderosa perspectiva de enfrentamento ideológico que já nascia em 1826 no romance hispano-americano. A “nueva narrativa hispano-americana”, segundo Cornejo Polar (2004), se apresenta como: “[...] *una actitud frente a la institución literaria y a sus lenguajes hasta ese momento prestigiosos; una actitud disidente, contestataria* [...]” (CORNEJO POLAR, 2004, p. 12).

Em *Xicoténcatl* (1826), o narrador apresenta seu projeto político: mostrar que as nações indígenas são tão nobres quanto nossos paradigmas ocidentais de dignidade e nobreza, Grécia e Roma, e os contrapõe à corrupção trazida pelos “conquistadores europeus”, fato que considera nocivo à cultura indígena. Dentro dessa tese no romance, por outro lado, a personagem Malinche é apresentada como a colaboradora indígena de Cortés. A configuração da personagem na obra é circular já que se inicia na posição de inocente vítima de seu amo: “[...] [Cortés] *casi hace ostentación de sus amores adúlteros con esa india* [Malinche], *quizá víctima de su seducción*. [...]” (ANÓNIMO, 1964, p. 85 - grifos nossos). Esta observação é feita pela voz da personagem impoluta de Ordaz, que critica o comportamento do chefe espanhol. Na seguinte passagem do romance, apreciamos uma Malinche já corrompida:

[...] *Los buenos talentos y las gracias de esta esclava llamaron la atención de su amo, el que, después de haberla hecho bautizar con el nombre de Marina, puso en ella su amor y su confianza, de manera que en pocos días pasó de su esclava a su concubina y confidenta. Este último oficio lo desempeñó con grandes ventajas para Hernán Cortés, pues, no sospechando en ella los naturales las artes y el dolo de los europeos, supo emplear con más efecto la*

corrupción y la intriga, en que hizo grandes progresos. (ANÓNIMO, 1964, p. 99).

No trecho destacado, Cortés é descrito como apaixonado por Malinche, pois como observamos, ele se assegura de fazê-la batizar para convertê-la em sua amada (e não simples amante): “*puso en ella su amor y confianza*”. Mariano García Somonte (apud HERREN, 1993, p. 42) afirma o contrário sobre a personagem histórica: “*No hay por qué creer que doña Marina fuera la amante [...] o querida de Cortés, como no lo fueron las demás hijas de caciques que repartió entre sus capitanes. [...]*.” Dessa forma, observamos que no recorte, Malinche aparece delineada em oposição ao povo indígena, uma representante da corrupção da conquista americana. Vejamos o delineamento de Malinche no seguinte recorte:

Esta le dijo [a Ordaz] que, esclava y no amante de Hernán Cortés, aborrecía su soberbia dominación; [...] que, si ella fuera libre, no dudaría un momento en la elección y abandonaría al instante a su opresor, para darse toda entera a sus inclinaciones; pero que, no pudiendo en su condición de esclava obrar conforme a su libre voluntad, quería lo menos robar a su tirano los instantes que pudiese, vengándose así de su opresión. (ANÓNIMO, 1964, p. 101, grifos nossos).

O trecho acima citado inclui uma das imagens de Malinche, a de “monstro sexual”, relacionada com os símbolos de traição e de prostituição que o imaginário mexicano construiu sobre ela. A declaração de amor a que o autor anônimo refere-se disfarça a intenção carnal de sua personagem ficcional *doña Marina* por Ordaz. Outros adjetivos utilizados na configuração de La Malinche no romance são: “astuta”, “cobra”, “intrigante” e “sedutora” como em: “-*Intriganta y seductora mujer!* [...] *prefiero exponer a mil peligros mi vida a la vergonzosa situación a que me has arrastrado* (ANÓNIMO, 1964, p. 106). Os adjetivos utilizados para delinear o caráter de Malinche são muito negativos para se outorgar a uma mulher, sobretudo para o contexto de inícios do século XIX.

Porém, ao final do romance, Malinche se redime: [...] “*Yo soy una grande pecadora y es menester que todo el Universo conozca mis culpas y vea mis remordimientos, que el martirio que sufro sirva de ejemplo y de escarmiento a los que, como yo, abandonan la senda de la virtud.* [...]” (ANÓNIMO, 1964, p. 139 - grifos nossos). Renasce uma mulher com outro olhar, outra perspectiva, ciente dos seus atos no passado e com o compromisso de assumir, conscientemente, a sua cultura indígena.

A Malinche presente em *Xicoténcatlé*, inicialmente, mostrada como exemplo

da corrupção do povo indígena durante o contexto de “conquista de México”, porém, quando, no final da narrativa, a personagem se redime, abjura todo o apreendido com os europeus e abraça novamente a sua religião e costumes indígenas, renasce como boa autóctone.

MALINCHE, SEGUNDO ALEXANDER BARON, EM UMA CONFIGURAÇÃO DE 1954

Distinto do romance *Xicoténcatl*, de autor anônimo, mas, presumivelmente, latino-americano, *The Golden Princess* é um romance escrito sob um olhar europeu, quase um século e meio depois, e em língua inglesa, cujo resultado é um romance histórico tradicional. O narrador apresenta uma Malinche calma e dócil, um arquétipo da serenidade: “*Malinali no se inquietó mucho cuando supo que la entregarían a los extranjeros blancos como ofrenda de paz. [...] Nada sorprende en un sueño; cada hecho que acontece en él, irreal, inevitable, se acepta como cosa habitual.*” (BARON, 1963, p. 7). Uma jovem escrava para quem os acontecimentos lhe parecem um sonho, algo irreal e inevitável. Assim, o narrador de Baron também coloca a Malinche nessa posição inevitável diante dos fatos históricos. Ela está fadada a conhecer sua sorte.

Em outro momento, a jovem escrava se apresenta ante o frei Olmedo e o soldado Medrano, com medo, mas encorajada pelo seu desejo de demonstrar que fala espanhol:

[...] *Los dos hombres la miraban sorprendidos. – ¿Tú... hablas español? – dijo Medrano. Marina asintió en silencio casi sin mirarlo. Otro esfuerzo y salieron más palabras. – Dios... – ¡Mít al hombre en la cruz–. ¿Yò... hablar... Dios... yo... vivir... siempre? – Tú... obedecer... obedecer... Dios... vivir siempre. Muertos– el sacerdote la ayudó a comprender con gestos– resucitan. Vivirás otra vez. Siempre.* (BARON, 1963, p. 32).

E, segundo o narrador de Baron, as suas primeiras palavras, na língua estrangeira, são para falar da religião cristã e para mostrar que ela a abraça. Assim, a personagem é configurada como uma mulher jovem dócil, ingênua, talvez como uma reprodução da inocência do homem selvagem (UREÑA, 1994) que Colombo teria introduzido nas suas cartas, ao descrever aos europeus como era esse novo território que seria posteriormente chamado de América, definindo-a como terra da abundância e ao nativo como “*noble salvaje*” (UREÑA, 1994, p. 10). Por outro lado, diferente do apresentado em *Xicoténcatl*, em que Cortés é atraído pela beleza e talentos de *doña* Marina, no romance de Baron, é ela, Malinche, quem se apaixona perdidamente

por Cortés:

No. Era el jefe, ese otro, Cortés, quien atraía las miradas de Marina. Algo en su persona la obligaba a volver los ojos hacia él a cada instante: un exterior sereno que parecía inmutable, pero debajo del cual ella adivinaba el brillo cegador de un relámpago [...]. Entonces sus ojos encontraron los de Marina y se quedaron en ella un segundo, negros, aterciopelados, impenetrables. La muchacha sintió un sacudón físico, como si algo hubiera estallado dentro de sus pulmones. [...] (BARON, 1963, p. 28).

O narrador aproxima a personagem a um arquétipo da ingenuidade/inocência, uma dócil nativa, de muita inteligência: “*poseedora de una mente activa, una inteligencia sedienta de saber que había ido consumiéndose en secreto [...]*” (BARON, 1963, p. 12) que abraça a religião católica como conforto pelo sofrimento de ter sido afastada brutalmente de sua vida anterior de princesa indígena. Porém, ela teria sido vítima do seu destino ao se apaixonar por Cortés: “—*Sí. Hombre ser amo, mujer esclava. Mujer amar amo, como amar Dios. Hombre que no escupe, no pisotea, hombre pequeño. Hombre que escupe, pisotea, hombre grande, jefe. Don Hernando, jefe. Él magia. De Dios*” (BARON, 1963, p. 69). Observamos que o narrador configura a Malinche como alguém totalmente dominada pelo seu amor a Cortés.

Más tarde, no decorrer da narrativa, quando Cortés deseja se desfazer de Malinche, o narrador nos apresenta a personagem do espanhol Trifón como um fiel admirador de La Malinche, a quem lhe confessa o seu amor: “—*Marina... [...] ven conmigo. [...] me quieres. Lo sé. [...]*” (BARON, 1963, p. 418). Porém, Malinche, conformada com o seu destino não aceita fugir com seu devoto amigo: “—*Voy a casarme, Trifón. Con Juan Jaramillo. -¿Por qué con él? Es a mí a quien quieres [...] ¿Somos o no dueños de nuestro destino? [...] -Trifón, justamente por eso no podemos unirnos.*” (BARON, 1963, p. 419).

Dessa forma, a Malinche configurada no romance de Baron, é a de uma ex-princesa autóctone muito inteligente, dócil, que ganha a confiança dos seus novos amos e que se apaixona perdidamente por Cortés, por ser ingênua. E, no final do caminho, quando, finalmente, reconhece o verdadeiro amor, ela é obrigada a casar-se com Juan Jaramillo e não é capaz de soltar as amarras do seu destino, cumprindo o que a historiografia afirma: ela casou-se com outro espanhol que não Cortés. Percebemos uma configuração muito presente no romance romântico, com a heroína Malinche que sofre, vítima do destino, marcada pela história.

Baron apresenta uma nova configuração da personagem se comparada àquela presente em *Xicoténcatl* (1826). Porém, essa configuração é moldada pela história, já que se trata de uma personagem de extração histórica, com existência

verificável e cuja verossimilhança em sua configuração obedece ao padrão do romance histórico tradicional que se seguiu após o romance clássico de Scott. Nesse sentido, Baron traz uma narrativa desde um ponto de vista ex-cêntrico que subjetiva o material histórico na tessitura romanesca, já que traz a voz de alguém que a história oficial teria silenciado: uma mulher indígena, escravizada.

MALINCHE, DE LAURA ESQUIVEL, NUMA CONFIGURAÇÃO DE 2005

No seu romance, *Malinche* (2005), Laura Esquivel cria outra situação para a personagem. O narrador a apresenta desde seu nascimento, com presságios mágicos e símbolos da natureza. Citamos o canto do pai de Malinche:

-Hija mía, vienes del agua, y el agua habla. Vienes del tiempo y estarás en el tiempo, y tu palabra estará en el viento y será sembrada en la tierra. Tu palabra será el fuego que transforma todas las cosas. Tu palabra estará en el agua y será espejo de la lengua. Tu palabra tendrá ojos y mirará, tendrá oídos y escuchará, tendrá tacto para mentir con la verdad y dirá verdades que parecerán mentiras [...] Y tu lengua será palabra de luz y tu palabra, pincel de flores, palabra de colores que con tu voz pintará nuevos códices (ESQUIVEL, 2005, p. 7).

Não só a Malinche de Esquivel vem ao mundo com simbologias que nos ajudam a interpretar o que a sua vida significou para a história do continente, mas, também, no romance são vários os momentos em que o narrador reflete sobre a importância de sua presença para nós, os latino-americanos. Reiteradamente se menciona a importância que o conhecimento e o bom uso das línguas durante o exercício das traduções/interpretações terão para a vida e fatos ao redor da personagem histórica. Por outro lado, igualmente se salienta que isto também era uma questão importante para Cortés. Portanto, no romance também apreciamos o chefe espanhol, como um personagem ciente de sua limitação ao não conhecer as línguas nativas e a sua desconfiança com respeito aos seus intérpretes:

No entender el idioma de los indígenas era lo mismo que navegar sobre un mar negro. [...] Cortés sabía que tenía en sus manos la oportunidad de su vida; sin embargo, se sentía maniatado. No podía negociar, necesitaba con urgencia alguna manera de manejar la lengua de los indígenas. (ESQUIVEL, 2005, p. 18).

Nesse aspecto, a autora delinea uma personagem, Hernán Cortés, preocupada ao não ter ao seu alcance o conhecimento das línguas nativas e de não poder confiar nos intérpretes que tinha. Ao ganhar a oferenda de vinte escravas,

Malinche se destaca pela sua juventude e beleza. Nessa narrativa, algo irresistível une Cortés e Malinche desde o primeiro olhar:

[...] *sus ojos se cruzaron con los de Malinalli y una chispa materna los conectó con un mismo deseo. Malinalli sintió que ese hombre la podía proteger; Cortés, que esa mujer podía ayudarlo como sólo una madre podía hacerlo: incondicionalmente. Ninguno de los dos supo de dónde surgió ese sentimiento pero así lo sintieron y así lo aceptaron.* (ESQUIVEL, 2005, p. 23).

Mas, como já vimos acima, não é só pela beleza e juventude de Malinche, mas também pela necessidade e oportunidade de ter uma “língua” nativa, que, na primeira oportunidade, Cortés recruta Malinche como sua intérprete. Observamos, como já apontado acima, a preocupação da personagem nativa, no romance, sobre o exercício de intérprete, pois ela o entende como um trabalho difícil, já que ser uma “língua” era uma enorme responsabilidade: “*No quería errar, no quería equivocarse y no veía cómo no hacerlo, pues era muy difícil traducir de una lengua a otra conceptos complicados.*” (ESQUIVEL, 2005, p. 28). São vários os momentos em que a nativa reflete a respeito da importância de traduzir para os espanhóis.

Malinche, segundo a narrativa de Esquivel, aceita ser a língua de Cortés, pois este lhe oferece a liberdade em troca desse serviço. Como vimos, a jovem autóctone toma seu trabalho a sério, pois não deseja ser infiel na sua tradução, um questionamento sobre o que muitos já abordaram por séculos: “tradutori, traditore”. Porém, mesmo sendo eficiente no seu trabalho, tardiamente perceberá que seu exercício de intérprete ajudou os espanhóis a destruir o mundo indígena no qual tinha nascido.

Depois de presenciar várias injustiças feitas aos indígenas, Malinche se pergunta: “[...] *Malinalli se preguntaba qué era lo que había hecho mal. ¿En qué había fallado? ¿Por qué no se le había otorgado el privilegio de ayudar a su gente?*” (ESQUIVEL, 2005, p. 61). Segundo o narrador de Esquivel, mesmo havendo uma forte atração entre Malinche e o chefe espanhol, ela foi tomada à força por Cortés: “[...] *Mientras, llovió tan fuerte que esa pasión y ese orgasmo quedaron sepultados en agua, lo mismo que las lágrimas de Malinalli, quien por un momento había dejado de ser «la lengua» para convertirse en una simple mujer, callada, sin voz, [...].*” (ESQUIVEL, 2005, p. 36).

E, mais adiante na diegese, Malinche erra ao pensar que pode exigir de seu amo um relacionamento de casal: “[...] *Para ti, yo no tengo alma ni corazón, soy un objeto parlante que usas sin sentimiento alguno para tus conquistas. Soy la bestia de carga de tus deseos, de tus caprichos, de tus locuras.* [...] [Cortés] *Se rió y le dijo: [...]. No vuelvas a interrumpir mis pensamientos con tus necedades.*” (ESQUIVEL,

2005, p. 66). O narrador mostra uma Malinche que se revela ante Cortés, achando que dessa maneira seu amo repensará seus atos e, finalmente, unir-se-ia a ela como seu marido com todas as regras. Não só não acontece o que a heroína esperava, mas Cortés a obriga a casar-se com o capitão Jaramillo, segundo a diegese, personagem que sempre esteve apaixonado por ela. Malinche se vê novamente abandonada, humilhada e desiludida.

Mais tarde, Malinche, ciente do passado, presente e futuro pede pelos seus filhos:

Ellos, que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres -la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena y la sangre del medio oriente-, ellos, que junto con todos los que están naciendo, son el nuevo recipiente para que el verdadero pensamiento de Cristo-Quetzalcóatl se instale nuevamente en los corazones y proyecte al mundo su luz, ¡que nunca tengan miedo! ¡que nunca se sientan solos! [...] Fortalece el espíritu de la nueva raza que con nuevos ojos se mira en el espejo de la luna, para que sepa que su presencia en la tierra es una promesa cumplida del universo. [...] (ESQUIVEL, 2005, p. 77).

A Malinche personagem pede pelos seus filhos, pois está completamente ciente do que seus descendentes representam toda uma nação nova, o futuro México. A prece é feita em favor de todos os seus descendentes, assumindo ser a mãe de todos os mexicanos. Desse modo, a *Malinche* de Esquivel, à diferença das apresentadas em *Xicoténcatl* e em *The Golden Princess*, traz a configuração de uma personagem histórica mais ciente dos seus atos. A personagem está preocupada não só com o amor de Cortés, mas com seu fazer tradutório e as consequências que tudo isto traz para o seu povo, para ela mesma, para os seus filhos e todos os mexicanos.

De modo distinto do romance tradicional de Baron, Esquivel apresenta um romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2007-2011), pois a narrativa segue os fatos apresentados pela historiografia de forma linear, em nenhum momento estes se modificam de alguma maneira. Portanto, a Malinche de Esquivel também está fadada ao seu destino, a diferença é que é uma Malinche mais ciente do que está acontecendo ao seu redor. Ao lhe conceder voz, a autora apresenta um projeto sobre a personagem histórica: Malinche é importante para a história; os seus atos mudaram definitivamente os acontecimentos históricos, porém foram atitudes pensadas, refletidas e – por que não? – sofridas. Da total inocência, a personagem se torna um ser totalmente consciente dos seus atos, uma personagem esférica, que contesta de alguma forma a visão da personagem histórica sem reflexão, levada pela paixão ao seu amo,

como Baron nos traz; ou com a cobiça e ânsias de poder, como é configurada no meio da diegese de *Xicoténcatl*. Temos assim, no romance de Esquivel, uma leitura crítica do passado, embora essa não seja realizada pelas estratégias escriturais desconstrucionistas dos novos romances históricos e das metaficções historiográficas mais contemporâneas, mas, sim, ao modo do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK 2007; 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado ao longo deste artigo, as diferentes Malinches, delineadas nas obras elencadas, foram concebidas partindo de um *locus enunciativo* (MIGNOLO, 2005) diferente. Observemos, claramente, que a configuração da personagem histórica Malinche foi modificada ao longo do tempo. Nas *Cartas de relación*, documento da história oficial, observamos a pouca importância a que se eleva o status de Malinche. Quem escreve os documentos oficiais é um colonizador colonizador, portanto, podemos observar que o conteúdo dos escritos são euro-falocêntricos, minimizando fatos ou pessoas por serem consideradas inferiores. Malinche nos documentos oficiais é uma simples nativa escrava que não fez nada além do que foi ordenada a fazer pelo seu amo Cortés, portanto, se houver mérito ou não, obviamente não poderia ser dela. Nas *Cartas de relación* (1519-1526), Cortés silencia a voz de Malinche e só a menciona quando não é mais útil para ele.

Em *Xicoténcatl*, o *locus enunciativo* é o do autor de ideário independentista que monta um projeto literário para denunciar os atos dos “conquistadores europeus”, e os expõe como corruptos e corruptores das nações indígenas. Assim, a configuração de Malinche no romance é um exemplo de autóctone corrompido que, porém, arrepende-se e abraça, novamente, seus valores indígenas. Ela entende que só abjurando do apreendido com os europeus poderia ser salva da condição de infiel ao mundo indígena (e futura nação mexicana). Aliás, todos os personagens indígenas que no romance foram corruptos, no final se redimem e são perdoados.

Já o *locus enunciativo* em *The Golden Princess* é diferente, pois não observamos a tensão presente em *Xicoténcatl* contra os “conquistadores europeus”. Há um olhar mais distante, o narrador não é latino-americano e pertence ao grupo dos falantes da língua inglesa. O romance foi escrito já na segunda metade do século XX, e não há laços colonizador/colonizado no texto. Baron se limita a produzir um romance histórico tradicional, ao propor Malinche como uma personagem vítima do seu amor por Cortés e que, desiludida, no final do romance romântico, ela encontra o verdadeiro amor em Trifón. Porém, seguindo a historiografia, a personagem

compreende que, por se tratar de um amor impossível, deve acatar a ordem de Cortés de casar-se com Juan Jaramillo.

Por último, o *locus enunciativo* presente em *Malinche* de Laura Esquivel é a de alguém que está ciente de todos os acontecimentos passados e futuros, que apresenta uma tese em que a personagem reflete a todo o momento sobre as suas decisões e atos e como isso modificará o futuro de toda uma nação (a mexicana). Esquivel traz uma Malinche que nasce com todos os signos e presságios que indicam a queda do mundo indígena. A nativa é uma personagem ciente do seu papel de intérprete de Cortés e luta consigo mesma ao ver cair a máscara dos europeus, e, sobretudo, ao perceber a cobiça que os move. Finalmente, a personagem foi testemunha da queda do mundo indígena e do nascimento de um novo paradigma de vida em que seus filhos representam a futura nação mexicana.

Baron (1963) escreve de acordo com a estrutura de romance histórico tradicional que seguiu a escrita clássica de Scott, apresentando “uma trama ficcional em primeiro plano, de uma história problemática de amor, cujo desfecho pode ser tanto feliz quanto trágico, mantendo-se dentro dos padrões românticos” (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1991, p. 21).

Em *Xicoténcatl*, observamos o traço diferenciado e questionador do *status quo*. Essa obra de 1826 faz a sua aparição quebrando o esquema de Scott, tornando-se o embrião do novo romance histórico latino-americano, denunciando o poder do regime autoritário colonial; trata-se de uma obra fortemente anti-hispânica, característica que só o romance histórico hispano-americano em sua fase avançada do modernismo tem (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003).

A obra de Esquivel (2005) representa aquilo que Fleck (2007-2011) classifica como romance histórico contemporâneo de mediação, pois efetiva uma releitura crítica do passado numa narrativa que conjuga traços das modalidades mais tradicionais com a criticidade das releituras desconstrucionistas mais contemporâneas.

As configurações dadas às personagens históricas mudam ao longo do tempo. As configurações dadas em cada obra aportam com um viés preenchendo os vazios que deixa a historiografia. Celia Fernández Prieto (2003) aponta, especificamente sobre os documentos oficiais da conquista, como o caso de *Cartas de relación*, que os europeus contavam o que lhes era conveniente apresentar aos seus superiores, apagando/silenciando tudo o que poderia prejudicá-los. Segundo a autora, os romancistas latino-americanos usaram a literatura para expor interpretações e imagens do ponto de vista do conquistado, denunciando, através das suas obras, a destruição do mundo indígena pelos europeus. Assim, o romance de 1826, *Xicoténcatl*, adiantou-se no seu tempo, e por ter sido uma produção isolada (UREÑA, 1994),

não teve seguidores.

As representações conferidas à personagem histórica Malinche nas quatro obras apresentadas foram reflexo do momento de produção do texto em que elas se encontram. Porém, como Candido (2002) aponta, abordar temas históricos não é só um 'escolher um tema para escrever', mas de alguma forma é um fator que representa só a ponta do iceberg de problemas sociais e históricos profundos. A configuração da personagem histórica Malinche, nesse sentido, representa a oportunidade que os narradores têm de discutir a situação da América Latina atual, partindo dos inícios da formação desta, no processo de conquista, da queda de um mundo indígena e nascimento de nosso mundo híbrido multicultural e multiétnico atual.

NOTAS

- ¹ Aspectos essenciais desta discussão foram apresentados no evento JELL/UNIOESTE 2015.
- ² Leila Del Pozo González – Bolsista CAPES. Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), PPGL/2015. Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, coordenado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. Colaboradora dos projetos de extensão “Estudos das teorias contemporâneas de análise literária - segunda fase” e “Literatura, História, Memória e Sociedade: estudos das inter-relações e suas dinâmicas – segunda fase”, vinculado ao PELCA – Programa de Ensino de Literatura e Cultura/PROEX-Unioeste-Cascavel. E-mail: leilashai@hotmail.com.
- ³ Gilmei Francisco Fleck - Professor Adjunto da UNIOESTE/Cascavel-PR-Brasil na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, na Pós-graduação em Letras (Mestrado Acadêmico e doutorado) nas áreas de Literatura Comparada e Tradução e no Mestrado profissional – Proletras- Cascavel-PR na área da Leitura do texto Literário. Pós-doutor em Literatura Comparada e tradução pela UVigo-Espanha. Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura. Coordenador do Projeto de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br.
- ⁴ Utilizaremos a edição de Xicoténcatl (1964) organizada por Antonio Castro Leal e a tradução oficial do romance de Baron ao espanhol: *La princesa de oro* (1963).

REFERÊNCIAS

ANÓNIMO. Xicoténcatl. Prólogo, organização, estudo preliminar e notas de Antonio Castro Leal. [2. ed.]. pp. 73-177. In: CASTRO LEAL, Antonio (Org.). *La novela del México colonial*. México: Aguilar, 1964.

BARON, Alexander. *La Princesa de Oro*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1963.

BASTIN, Georges. Por una historia de la Traducción en Hispanoamérica. *Íkala*, Revista de Lenguaje

y Cultura. vol. 8 nº 14. jan. - dez. 2003. Disponível em: <http://www.histal.umontreal.ca/pdfs/PorUnaHistoriaDeLaTraduccionHispanoamerica.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2011.

BURKE, P. *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CANDIDO, Antonio. Duas passagens do dois ao três. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo, Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 51-76.

CORNEJO POLAR, Antonio. Prólogo. In: *16 cuentos Latinoamericanos*. Perú: Coedición latinoamericana; Ediciones Huracán, 2004. p. 9-12.

CORTÉS, Hernán. *Cartas de relación*. 1485-1547. GAYANGÓS, Pascual de 1809-1897. [S.l.] [s.n.] 1866. Disponível em:

http://www.biblioteca.tv/artman2/publish/hernan_cortes/Hern_n_Cort_s_-_Documentos.shtml. Acesso em: 05 dez. 2016.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Buenos Aires: Suma, 2005.

FLECK, Gilmei Francisco. A conquista do "entre-lugar": a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007.

_____. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação – leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPPUCCI, C.A.; CARLOS, A. M. (Orgs.). *Cultura e Representação* – ensaios. Assis/SP: Triunfal, 2011.

HERREN, Ricardo. *Doña Marina, La Malinche*. México: Ed. Planeta, 1993.

MARTÍN, Maria Teresa Díez. Perspectivas historiográficas: mujeres indias en la sociedad colonial hispanoamericana. *Frentes Avanzados de la Historia*. Revista de difusión histórica interatlántica y de género/S- Investigación, genealogía profesional. Universidad Nacional de Educación a Distancia. UNED/España. 2007. Disponível em: <http://maytediez.blogia.com/2007/022704-perspectivas-historiograficasmujeres-indias-en-la-sociedad-colonial-hispanoamer.php>. Acesso em: 02 jan. 2015.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Evolución y alcances del concepto de novela histórica*. Historia y ficción en la novela venezolana. Caracas: Monte Ávila, 1991, p. 15-54.

MIGNOLO, Walter D. La semiosis colonial: la dialéctica entre representaciones fracturadas y hermenéuticas pluritópicas. *AdVersus*. Revista semiótica. Año II. nº 3. Ago. 2005. Disponible en: <http://www.adversus.org/indice/nro3/articulos/articulomignolo.htm>. Acesso en: 17 ene. 2015.

PASTOR, Beatriz. *Discurso narrativo de la conquista de América*. Ciudad de Havana: Casa de las Américas, 1983.

PÉREZ FIRMAT, Gustavo. *The Strut of the Centipede: José Lezama Lima and New World*

Exceptionalism. In: _____. *Do the Americas have a common Literature?* Durham and London: Duke University Press, 1990. p. 316-332.

TROUCHÉ, André Luiz Gonçalves. *América: história e ficção*. Niterói: EdUFF, 2006.

UREÑA, Pedro Henriquez. *Las corrientes literarias en la América hispánica*. Santafé de Bogotá: Fondo de cultura económica, 1994.